

# Sociedade violenta quer escola sem violência

Hebe Magalhães Castro de Tolosa

Cresce a convicção de que não há desenvolvimento harmonioso sem a necessária solidariedade, o que se traduz, na prática, não mais por assistencialismo, mas por parceria. A diferença entre assistencialismo e parceria, com raízes comuns, tais como sentimento de amor ao próximo, responsabilidade social, certeza de que o mundo não conseguirá minimizar suas mazelas sem a participação de todos, é notável.

Vale compreender que a fome, o desamparo, a doença, a miséria, a delinquência, as monstruosidades humanas não são problemas dos "outros". Sabemos que ninguém estará possibilitado de viver com tranqüilidade e também que ainda há tempo de arregaçar as mangas para ações coletivas efetivas à solidificação do processo de cidadania.

Nisso difere o assistencialismo da parceria. O primeiro busca o atendimento urgente das necessidades básicas. A segunda planeja e tenta construir relações humanas de modo diferenciado, atingindo as causas que permitem a perpetuação do sofrimento. A parceria é fruto da consciência de que o ser humano é também, e muito — vítima de relações sociais inadequa-

das, particularmente se sua formação, na infância, for atingida brutalmente pela violência — de parentes, conhecidos, polícia, escola etc. Mas que pode tornar-se cúmplice, pela omissão.

Ao reconhecer que os danos causados na formação da criança até os três anos e, depois, até os cinco anos são profundamente sérios e, na maioria das vezes, irreversíveis, as pesquisas da Psicologia dão-nos a chave para lutar por um mundo menos cruel, voltando-nos para esses seres inocentes que sequer pediram para nascer.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei nº 6.069, de 13 de julho de 1990, resulta de longa discussão e deve ser sempre melhorado, mas, infelizmente, até o momento permanece quase ignorado e mal interpretado pela sociedade, vítima, ela também, de uma visão sádica da criança.

É preciso romper a cadeia circular de violência que se perpetua, tornando violentador o adulto violentado em criança. Compreender essa verdade é uma das mais revolucionárias atitudes de nossa cultura.

É angustiante saber que, no momento, milhões de crianças, no planeta, são violentadas, espanca-

das, desnutridas, abandonadas, exploradas e assassinadas por adultos. Essa é a grande tragédia que semeia ventos e colhe tempestades — nas ruas, nos semáforos, na porta das escolas, nos trágicos "abrigos" de menores, dentro de nossas próprias casas.

A sede de afeto, de carinho, ao contrário da rejeição que hoje expressamos de maneira tão dura, aumenta progressivamente. Observamos a tendência de nos fecharmos cada vez mais, com medo e/ou cepticismo, processo de individualismo inútil e prejudicial a todos.

Por trás do consumo de drogas, dos crimes hediondos, escondem-se cultura e vivência que atingiram e atingem a criança no momento mais raro e delicado da formação da personalidade.

Ao observar crianças entregues a creches pouco preparadas para compreender e atender as necessidades da formação do ser humano, veremos que o que nasceu para solucionar problemas de mães obrigadas a trabalhar fora de casa transformou-se em depósito de bebês que, mesmo alimentados, passam o dia sem atenção, estímulo, carinho.

A ausência de tais estímulos pro-

duz personalidades frias, incapazes de sentir afeto, porque não o receberam de forma adequada, preparando-se o futuro adulto incapaz de revoltar-se contra a violência e até mesmo apto a praticá-la sem dramas de consciência.

Isso nos leva a uma visão qualitativa muito especial sobre o papel pedagógico das creches que precisa ser conhecido e praticado. O amadurecimento da afetividade e da inteligência, hoje reconhecidas como fatores interligados, é crucial, se se almeja a formação de cidadãos responsáveis, criativos e respeitáveis.

Na rede municipal de educação paulistana, temos orgulho em observar o desempenho de nossas Escolas Municipais de Educação, as Emeis.

Reunimos pessoal vocacionado e em constante aprimoramento. E lá se observam casos lamentáveis de violência familiar contra crianças. É para as nossas creches que estamos elaborando projeto pedagógico específico, voltado à comunidade, para chegar, no processos, à meta de formar cidadãos para uma sociedade menos violenta.

■ Hebe Magalhães Castro de Tolosa e Andrade é educadora e secretária municipal de São Paulo